

Uma proposta de análise comparativa entre o emprego de formas de tratamento na imprensa negra e em “O combate”

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BALSALOBRE, SRG. *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista: um olhar sobre as formas de tratamento* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 151 p. ISBN 978-85-7983-104-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

4

UMA PROPOSTA DE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O EMPREGO DE FORMAS DE TRATAMENTO NA IMPRENSA NEGRA E EM **O** COMBATE

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.

(Labov, 2008, p.18)

Usos típicos da imprensa paulistana do início do século XX

As primeiras décadas do século XX marcaram o início de uma nova fase para a imprensa paulistana, motivada pelo progresso em diversas áreas da sociedade, como, por exemplo: o grande impulso da industrialização; a mudança de concepção da vida social e política, que passou do ideário tradicional das elites agrárias para os ideais de modernidade das classes médias urbanas; o surgimento de novas tecnologias jornalísticas, também trazidas pelos imigrantes europeus; o aumento de pessoas alfabetizadas em São Paulo, proporcional ao aumento das instituições de ensino etc.

A fusão dos fatores referentes a essa mudança de concepção da sociedade levou a imprensa produzida na cidade de São Paulo para

dois cenários distintos: por um lado, surgiu uma grande imprensa, idealizada aos moldes de uma indústria jornalística, em que se destacaram jornais como *O Estado de S. Paulo* e *O correio paulistano*; e, por outro lado, surgiram jornais que representavam os mais variados grupos sociais, como operários, imigrantes, professores, partidos políticos, inclusive a comunidade negra. Nesse sentido, como a atividade jornalística era uma realidade cotidiana na capital paulista, foi-se desenvolvendo um modelo para esses periódicos, tanto no que concerne à parte formal (os gêneros que compunham esses jornais) quanto no uso da linguagem empregada. Aos poucos os gêneros dos jornais foram se consolidando e resultaram no padrão que se encontra contemporaneamente.

Assim, tanto nos jornais dedicados à comunidade negra como em *O combate* – dedicado principalmente ao debate dos interesses políticos da capital paulista e do país – é possível encontrar alguns gêneros com os mesmos propósitos e, algumas vezes, com a mesma denominação. Esse fator revela a intenção da comunidade negra de se basear no modelo jornalístico dos grupos sociais dominantes com uma finalidade de aceitação social. Um exemplo dessa correspondência entre os jornais ocorre com o gênero *notas*, em que fica clara a existência de um padrão seguido por todos os redatores. Nessa seção, o uso das formas de tratamento apresenta um padrão revelador dos costumes culturais e sociais da população paulistana do período em questão:

CHRONICA DA VIDA SOCIAL. ANNIVERSARIOS. Fazem annos hoje:

a menina *Esmeralda*, filha do capitão sr. *João Pedroso de Oliveira*. [...]

a senhorita *Aurélia Medeiros*, filha do dr. *Alfredo de Medeiros*, ajudante do director do Instituto Vaccinogenico; [...]

o sr. *Benjamim Mota*, illustrado publicista e advogado do nosso fôro. (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

ANNIVERSARIOS. Fizeram annos:

Dia 4. o senhor *Luiz Henriques dos Santos*.

Dia 9. *a menina Julieta* filha do snr. *Mario Nogueira do Espírito Santo*.

Dia 14. *a menina Celeste* e a 21 de Setembro, *a menina Ruth*, filhas do *senhor José Martinho de Moura Baptista*.

No dia 6 do proximo mez, a *senhorita Durvalina Leonarda de Moura Baptista* e a 14 D. *Luiza Moura Baptista*, filha e esposa do *senhor Frederico Baptista de Souza*. Parabens. (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

SOCIAES. Fez annos a 5 de julho o *menino Moacyr*, filho do sr. *Bento da Silva e d. Odília dos Santos Silva*. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

É preciso ressaltar que as pessoas que são “dignas de nota” aparecem sempre com a indicação formal de tratamento, pois essas seções têm em comum o caráter delocutivo, em que há um redator mencionando uma pessoa de destaque para a vida social da cidade e da comunidade. Isso não significa diretamente que o tratamento utilizado deva ser formal, ou seja, que deva haver a indicação de formas nominais como *senhor*, *senhora*, *senhorita*, *senhor* aliado ao cargo da pessoa etc., mas formas respeitosas que identificam essas pessoas. Assim, para se referirem a crianças, os redatores empregam formas nominalizadas de tratamento, tais como *a menina Esmeralda* do exemplo de *O combate*, *a menina Celeste* de *O alfinete* e *o menino Moacyr* em *O Kosmos*.

Outro ponto em comum entre os jornais da primeira fase da imprensa negra e *O combate* é a relação demonstrada entre o uso das formas de tratamento e a identificação das mulheres na sociedade. Em todos esses jornais a mulher recebe um pronome de tratamento respeitoso, mas sempre se faz necessária sua identificação pela relação que mantém com algum homem, revelando dados de paternalismo e de submissão da mulher na sociedade dos anos 1910 e 1920. Para ilustrar esse emprego das formas de tratamento e o papel da mulher, seguem exemplos dos jornais:

ANNIVERSARIOS. A 14 deste completa mais uma primavera, a *senhorita Izaura Porfíria de Almeida*, filha do *snr. Tenente Rofino de Almeida*.

Completa mais uma anno de sua preciosa existencia, o nosso amigo Candido Lopes de Siqueira.

[...]

CASAMENTO. Casam-se a 11 do crr., no cartorio do Registro Civil da Consolação, o sr. Juvenal Durval, com a *senhorita Carmem A. Pereira*, filha do sr. *João Alves Pereira*. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

ANNIVERSARIOS. *No corrente mez*. A 6, *snr. Augusto Carneiro Mesquita* e a *Exma. Snra. D. Amelia dos Santos*, esposa do *snr. Adolpho Lima*.

A 13, o *snr. Hilario de Moraes Torres*.

A 15, o *snr. Mario Franco de Moura* e o menino *armando Domingues*, filho do *snr. Joaquim Domingues*. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Em todos esses exemplos, a mulher recebe um tratamento que identifica seu estado civil pela diferenciação feita entre *senhora* e *senhorita* e seu vínculo familiar, seja pelo nome de seu esposo ou de seu pai. Em contraposição, para a referência de um membro masculino da sociedade basta a indicação de seu nome. Entretanto, é perceptível um único contexto em *O alfinete*, *O Kosmos* e *O combate*, em que a nota em referência à mulher não exprime sua filiação ou casamento – trata-se de mulheres que desempenham uma função de destaque para a sociedade:

ANNIVERSARIOS. *No corrente mez*. A 4. D. *Guiomar Lapa*, vice-presidente do *Gremio Barão do rio Branco*. [...]

A 23. D. *Maria das Dores de Toledo Vieira*, professora do *Bairro dos Remédios em Taubaté*. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Em contrapartida a essa situação paternalista encontrada nos exemplos em questão, o jornal *O clarim d'alvorada* apresenta uma

mudança significativa na concepção da mulher para a sociedade, haja vista que, a partir do terceiro mês de publicação de sua segunda fase, já há uma seção destinada à publicação de textos exclusivamente produzidos por mulheres, a chamada “Secção Femenina” (abril de 1928) e, depois, “Pagina Feminina” (junho de 1928). Possivelmente, em função desse espaço destinado à expressão das mulheres e, portanto, da legitimação de sua voz, é comum serem encontradas *notas* cuja referência à mulher é feita apenas pelo seu nome, como ocorre com esses exemplos de abril e junho de 1928:

Completará á 7 do corrente mais um aniversario a *sra. Josephina Alves Lima* nossa leitora. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Á 29 do mez passado, colheu também, mais uma flor no jardim de sua existência risonha, a *senhorinha Evangelina Xavier de Carvalho*, nossa collaboradora e um dos mais bellos adornos do nosso meio social. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Há correspondência entre as formas de tratamento analisadas em *O combate* e na imprensa negra em outro gênero presente em todos os jornais: as *cartas de leitores*. Nesse tipo de texto há um padrão estabelecido que prevê formalidade e um maior cuidado em relação à norma culta, sobretudo ao se tratar de uma carta elogiosa ou que denuncia algum problema que aflige a comunidade. Pelo fato de que as cartas são alocutivas, os leitores demonstram respeito e cortesia aos redatores:

CARTA ABERTA. *Snr. Redactor* do Alfinete, peço a V. S. fazer o obsequio de agazalhar no vosso Jornal as seguintes linhas, que são de todo interesse das sociedades recreativas de Homens de Côr desta Capital [...]. (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)

NO ‘TRIANON’. UM MENINO DE 10 ANNOS TORPE-MENTE EXPLORADO. Escrevem-nos: “*sr. redactor*. Respeitosas saudações. – Venho por meio desta pedir a V. S. para chamar a atenção da autoridade competente, para um pobre, pretinho, que

serve de reclame na porta do 'Trianon'. (*O combate*, ano III, n.796, 1^a jan. 1918)

É ainda relevante ressaltar que, durante alguns meses de 1922 e 1923, o Sargento Theophilo Fortunato de Camargo e uma pessoa que se identificava com o pseudônimo de Z. K. trocaram correspondências públicas no jornal *O Kosmos*. Uma vez que todas as cartas continham um caráter provocador e que se tratava de uma alocução, a análise das formas de tratamento empregadas nessas correspondências revela um outro uso desse dado linguístico: as formas de tratamento empregadas com um teor irônico, camuflado por trás da aparência de formalidade e respeito:

CARTA ABERTA. *Exmo. Snr. Theophilo Fortunato de Camargo*. Saudações.

O amigo no ultimo numero do jornal o "Kosmos" perguntou-me com ar de sabichão: "Quem lhe meteu na cachola que Tiradentes fôra propulsor da actual forma de governo?" O que eu escrevi foi que o *snr.* sendo soldado devia lembrar-se de um camarada, de um militar, sendo catholico, não devia ter esquecido o padre. (*O Kosmos*, ano I, n.8, fev. 1923)

CARTA ABERTA. *Exmo. Snr. Theophilo Fortunato de Camargo*. Saudações.

[...] Mas, *o amigo*, querendo historiar a republica, foi quem errou; [...]. *O amigo* fez confusão entre governo e forma de governo. (*O Kosmos*, ano I, n.6, dez. 1922)

SAUDAÇÕES

Ao inigmatico indivíduo que se me dirige por carta aberta, neste conceituado orgam, e que se oculta sob o pseudonymo de Z.K.

Em primeiro lugar, desejo que no seu cérebro doentio – victimado por paixões banaes e despeitos inconcebíveis, um raio de luz penetre, para que *o Amigo* possa ler e compreender bem o que eu

vou escrever em portuguez, se não correcto, pelo menos palpável, ao contrario do que se deu com *o Amigo* na sua missiva, repleta de bobagens e... Santo Deus! de ausencia completa das mais comessinhas regras de portuguez rudimentar [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Relações de poder e solidariedade nos jornais paulistas

Partindo do pressuposto de que os redatores da imprensa negra paulista tinham a intenção de auxiliar na promoção da inserção da comunidade negra na sociedade, garantindo a união de seu grupo em torno de bons padrões de comportamento e de etiqueta social, e que, além disso, as formas de tratamento representam um exemplo privilegiado da intersecção que há entre fatos linguísticos e sociais, é possível avaliar quais são os padrões de poder e solidariedade que permeiam a comunidade negra em comparação com os costumes da parcela dominante da sociedade do início do século XX.

Em função do jornal em análise, da atitude delocutiva ou alocutiva assumida pelo redator do jornal ao se dirigir ao seu leitor e, ainda, do gênero textual em que a forma de tratamento foi encontrada, podem-se detectar duas formas distintas típicas da *semântica do poder*. A primeira delas pode ser encontrada em diferentes seções de *O Kosmos* e de *O alfinete*, por corresponder aos ideais da primeira fase da imprensa negra: a exaltação dos membros da comunidade negra, ressaltando sua importância e seu destaque social. Nesse sentido, é de fundamental importância reconhecer que as formas de tratamento empregadas com essa função social também poderiam ser encontradas em outros jornais de circulação mais ampla, pelo fato de que esse uso representava uma tentativa de se seguir o padrão proposto pelo jornalismo da época.

Para se alcançar esse objetivo, os redatores empregam tratamentos sempre formais, aliados ao cargo da pessoa e, em alguns casos, o nome completo e as indicações de seu núcleo familiar:

NEGROLOGICO. A 12 do corrente, falleceu o *senhor Deodato de Moraes*, operário da fabrica de chapeo da Villa Prudente, tem 25 annos de idade, irmão dos *senhores José de Moura Marcondes e Mario Francisco Moura*, sobrinho do *senhor Frederico Baptista de Souza*. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

No exemplo acima, a identificação do membro falecido se dá a partir de sua profissão e de suas relações familiares, sobretudo, ressaltando-se sua importância por ser sobrinho de uma pessoa de destaque para a comunidade negra, o senhor Frederico Baptista de Souza, secretário do jornal *O alfinete*. O fato de se atribuir um tratamento formal a *Deodato de Moraes* está relacionado com a necessidade da comunidade de mostrar sua importância e seu reconhecimento social.

Por meio dos jornais do início do século XX em análise, é possível depreender que não havia uma correspondência direta entre os tratamentos nominais e pronominais indicativos de padrões de formalidade com a idade dos indivíduos, tal como ocorre atualmente. Essa relação é perceptível tanto para jovens que recebem o tratamento pronominal *senhor* quanto para moças que são designadas por *senhora* ou *senhorinha*, como ocorre com os exemplos abaixo:

DIGNO DE NOTA. [...] foi-nos apresentado o sr. *Arcenio Ferraz de Camargo*, distinctissimo moço campineiro.
[...] Enviamos ao *distincto sr.* os nossos sinceros agradecimentos. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

Completará hoje mais um feliz anniversario o Sr. *José Louzada Rocha*, distincto moço, empregado do commercio nosso assignante e bondoso amigo desta folha. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Faz annos hontem o sr. Luiz Ramos, funcionario da Secretaria da Câmara Municipal e que actualmente exerce as funções de official do gabinete do sr. Prefeito.

O distinto moço, que é justamente estimado em nosso meio social, recebeu, por este motivo, muitas felicitações. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

Dentre as socias só nós satisfêz plenamente, pelo seu modo de pensar e proceder, *a gentil senhorinha Durvalina Baptista*, que apesar da sua pouca idade [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Á 18 de março completou mais uma primavera risonha, a *senhorinha Olympia da Cunha*, filha do nosso esforçado amigo e companheiro de luctas sr. Horacio da Cunha. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Na maioria dos casos encontrados em *O alfinete*, *O Kosmos* e *O clarim d'alvorada* há a indicação do cargo desempenhado pelas pessoas da comunidade, exceto em situações em que a pessoa referida é amplamente conhecida por todos os leitores, como o presidente do grêmio Kosmos ou demais funcionários importantes. Essa mesma situação é encontrada no jornal *O combate* nas ocasiões em que se faz necessário designar o leitor, como é o caso de textos do gênero *notas*:

Completo á 17 de Janeiro findo, mais um anniversario, o sr. Jorge de Almeida, muito illustre amigo, leitor assiduo desta folha, empregado do commercio, desta praça, 2º thesoureiro do Brinco de Princezas. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928)

ANNIVERSARIO. Fez annos no dia 5 do corrente mez, o *Snr. Capitão Mario da Silva Prado*, muito digno chefe político da Villa Marianna irmão do *Snr. Armando da Silva Prado*, distinto advogado do nosso foro e homen de lettras. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Acha-se completamente restabelecida da molestia de que foi acometida a *senhora Dna. Sebastiana de Moraes*, muito digna auxiliar do Centro Recreativo Smart. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Sim, porque o *senhor Oliveira*, aplicou uma bella corrigenda, fazendo ‘justiça aos de casa’, assim deve ser. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)¹

Fazem annos hoje: [...]

A interessante menina Helena, filhinha do sr. Dr. Alarico Silveira, nosso antigo collega de Imprensa e director da Salubridade Publica. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

O sr. Paulo Arantes, acadêmico de direito, filho do sr. Dr. Altino Arantes, presidente do Estado. (*O combate*, ano III, n.1.017, 1º out. 1918)

Os exemplos dos jornais da imprensa negra relacionados acima, em comparação com os excertos extraídos de *O combate*, revelam a tentativa dos redatores da comunidade negra de se apropriarem das formas de tratamento de maior formalidade, usuais no jornalismo conceituado da época, a fim de que desfrutassem desse mesmo prestígio no meio social. Essa apropriação das formas de tratamento delocutivas é um indicativo do poder semântico desempenhado pela sociedade paulistana dominante – fator que motivou os redatores da imprensa negra a empregarem também tratamentos que evidenciassem a importância dos membros da comunidade negra.

Existe, ainda, uma outra possibilidade de emprego do poder semântico pelos jornalistas da imprensa negra, diretamente relacionada com situações alocutivas e com gêneros textuais que permitem o uso de uma linguagem mais próxima do vernáculo dos leitores e redatores desses jornais. Trata-se de situações em que o redator aponta de forma explícita as atitudes indesejáveis dos membros da comunidade negra. Exemplos dessa natureza são mais encontrados no jornal *O alfinete*, mais especificamente no gênero textual *coluna de mexericos* – em seções denominadas “Aprecio”, “Phrases apañadas”, “Criticas”, entre outras. São exemplos:

1 O senhor A. Oliveira é diretor de *O alfinete*.

Bertho? o rapaz inesquecível; não por ser actualmente casado; mas sim, por dançar bem.

Vamos *seu Bertho*; é preciso duchar a *Maria* que com ella completa quatro, e o direito que te é conferido está marcando uma só. Ora essa! Quatro Marias para *você* só? E os demais? (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)

Sebastião da Cruz, cuidado com as pianistas, olha quando as trez se encontram uma só vez ahi é que eu quero ver a fita com *você*.

Uma te queima a roupa, outra te leva a presença d'aquelle lá da P. e outra te leva no balão; ahi se acaba a farra das ruas Bonita, Graça e Dutra Ruiz. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Seu Philogonio. Cuidado com a cavação da rua Canindé nº88. Olha isso não dá certo.

Você precisa encentar com essa cavação.

A mãe della é viúva sem encosto, e só vive das verduras que vende, e por isso mesmo é para vestir e educar a filha. [...]. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

José Velino, olha essas vidraças, *você* que anda metido nesses porões do Canindé, é perigoso uma noite tomar um trote e atrapalhar-se nas vidraças porque quanto mais olhos se tem menos se encherça.

O Cutiba. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Em todos os exemplos houve situações alocutivas em que o redator da coluna se dirigiu textualmente ao seu interlocutor, identificando-o. Pelo fato de que há julgamento de valor em todos os exemplos, acompanhado de uma espécie de aviso, parece não haver nenhuma relação simétrica entre o redator e os leitores especificados, uma vez que, se houvesse intimidade, esses interlocutores discutiriam o assunto pessoalmente (e não em público, como foi feito, para servir de exemplo aos demais leitores). Esses argumentos sugerem que a relação estabelecida nessa alocução apresenta dados típicos da semântica do poder.

A partir dos exemplos acima, pode-se estabelecer uma correlação entre a ausência de tratamento pronominalizado ou nominalizado que identifica *Maria* (primeiro exemplo), *Sebastião da Cruz* (segundo exemplo) e *José Velino* (quarto exemplo), o tratamento irônico dispensado ao *seu Bertho* (primeiro exemplo) e *seu Philogonio* (terceiro exemplo), com a existência do tratamento pronominal de segunda pessoa *ocê*. Esse pronome é empregado apenas em seções de *O alfinete* em que o redator destina um tratamento depreciativo para o seu interlocutor, de forma que há a sugestão de que essa forma pronominal era recorrente na sociedade paulistana do início do século XX.

Esse fato pode ser confirmado pelo contraste estabelecido com a recorrência e o contexto em que aparece o tratamento pronominal de 2ª pessoa *tu*. Em geral, são três gêneros tipicamente alocutivos que favorecem o aparecimento desse pronome: as *anedotas*, as cartas *entre leitores* e os textos literários em prosa ou poesia que ressaltam a temática sentimental. Nos textos em prosa cuja temática é amorosa, a alocação ocorre de uma primeira pessoa masculina para uma segunda pessoa feminina, sempre designada pelo seu nome ou pelo pronome *tu* e demais formas oblíquas correspondentes. Isso se justifica pela necessidade criada pelo eu lírico de exaltar a mulher amada por meio de uma linguagem dita “elevada”, de forma que esse tratamento pronominal contribui para a exaltação:

ESTHER. Como é lindo encontrar-se dois corações que se amam; não é verdade?!

Entretanto, *tu* lá e eu cá, parece que, por uma transmissão de pensamento, já víamos esse amor familiar que nos havia de unir até a eternidade. (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

SÓ A TI. Não, não! Nada me pode acontecer, pois estou condenado a ser tua e serei!...

Mesmo assim, sinto-me incapaz de suportar a vida quando, n'uma concentração de espírito, não vejo o dia de amanhã.

Entregue ao labyrintho sem sahida, amando-te a ti, mulher adorável e adoradora, perturbo-me a mim mesmo com o agradável projecto que tenho em mira [...].

Euzébio. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Nesses dois exemplos em que o conteúdo do texto pauta-se na temática amorosa, aparentemente o uso de *tu* sugere um uso íntimo e solidário, típicos das formas de tratamento da semântica da solidariedade. Entretanto, a natureza desses textos sugere a falta de reciprocidade entre os interlocutores, pelo fato de esses homens colocarem as mulheres amadas em uma posição superior. Assim, o uso desse tratamento pronominal de segunda pessoa pode também ser considerado como um uso típico da semântica do poder nesse contexto. É válido destacar que esse emprego de *tu* difere do que ocorre com o pronome *você*, uma vez que, apesar de os dois poderem ser classificados como pertencentes à semântica do poder, ao passo que o primeiro tem a função de exaltar o interlocutor, o segundo tem como propósito criticá-lo. Muito embora essa distinção exista, nas duas situações interlocutivas em que podem ocorrer esses usos, há uma diferença de posição hierárquica entre os interlocutores.

Nos casos de troca de correspondência entre leitoras do jornal *O clarim d'alvorada*, em que a temática das cartas é de confissões e conselhos sentimentais, ocorre também o emprego do pronome *tu* e demais formas de segunda pessoa do singular. Situação semelhante ocorre em poesias em que se pretende declarar algum tipo de amor. A análise dos exemplos seguintes permite depreender que o uso de *tu* justifica-se pela necessidade de se exaltar o caráter elevado de uma noiva e de sacralizar uma mãe:

Carta á uma noiva

Minha amiguinha,

Há muito que não te escrevo, porém não leve a mal esta minha falta.

Alegrou-me muito a tua missiva de participação do teu noivado com o Joaquim: pois um jovem como elle, tão delicado, só deve

unir-se a uma alma como *tu* não é isto um elogio, falo-te com sinceridade.

[...] Oxalá que todos quanto aspiram este ideal tenham o grau de sentimento de que és dotada. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Bemdicta sejas
A MINHA MÃE

Bemdicta, sejas *tu*, ó divina figura!
De todas as mulheres és a mais querida
Bemdicta sejas *tu*, ó sol da minha vida
Toda feita d'amor, de carinho e doçura.

Manoel Antonio dos Santos
(*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

O outro exemplo de gênero textual que prevê a ocorrência de *tu*, as *anedotas*, encontra-se majoritariamente em *O Kosmos*, na seção denominada “Idea dos outros”. Essa seção simula diálogos entre interlocutores, portanto, situações alocutivas, em que uma primeira pessoa se dirige ao seu interlocutor pelo pronome *tu* – forma de tratamento cristalizada pela tradição desse gênero textual:

Numa reunião:

Não *disseste* senão tolices. Para que *pediste tu* a palavra?

Ora! Porque tinha muita sede, e queria beber o copo da água que se dá aos oradores. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Papá, quando eu for grande quero casar com a minha avósinha.

– Então *tu queres* casar com a minha mãe, meu pateta?

– E o papá não casou com a minha? (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

À volta da caça:

– Mataste alguma coisa, Raul?!

– Matei um pato...

– Bravo?!

– Não! Bravo era o dono. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

É possível estabelecer duas hipóteses interpretativas para o emprego desse pronome: por um lado, há a possibilidade de esse uso ocorrer pelo fato de que *tu* era o pronome empregado na época para esse gênero textual – um uso cristalizado, portanto, como já havia sido destacado; por outro lado, ao analisar as *anedotas* de *O Kosmos*, há a suposição de que elas sejam compostas em uma linguagem corrente e vernacular, com a finalidade de se criar um efeito cômico. Entretanto, esse emprego, em um jornal com pretensões literárias como esse, parece ser uma tentativa de imprimir um aspecto de literariedade a esse gênero do jornal.

Para reafirmar a hipótese de que *você* impunha um caráter pejorativo à segunda pessoa do discurso em textos da modalidade escrita, foi encontrado um exemplo em *O clarim d'alvorada* em que um enunciador masculino, que sofrera uma decepção amorosa, re-produz a fala da mulher que lhe aplicou um golpe – portanto, uma pessoa aparentemente sem caráter – com o emprego do pronome de segunda pessoa *você*. Segue o excerto:

Ruínas

O único que eu amo nesse mundo é *você*.

Foi então que eu compreendi a minha verdadeira situação diante d'aquella creaturinha, tão bonitinha, tão agradavel, tão delicada, que tão subitamente preparava o traiçoeiro golpe ao meu coração, para que depois em uma rodinha de outras tantas creaturinhas caçadoras de corações, contar, comentar e finalmente rir-se de minha ingenuidade. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Coadunando com o fato de que, em textos escritos do início do século XX, o tratamento pronominal de segunda pessoa *tu* era empregado nas situações em que o enunciador tinha a intenção de enaltecer seu interlocutor – sobretudo em contextos que tratam da temática amorosa – e a forma de tratamento *você* era empregada nos

contextos interacionais em que não se pretendia exaltar ou produzir qualquer tipo de reverência ao interlocutor, foram encontrados dois contextos no jornal *O combate* – uma notícia em que se atribuem falas aos envolvidos e a reprodução de uma *entrevista* – em que o pronome *você* é empregado com o valor esperado.

Ao fornecer ao leitor o diálogo ocorrido entre os participantes de uma notícia, esse jornal paulistano oferece uma valiosa contribuição à pesquisa linguística, uma vez que oferece a possibilidade de serem analisadas as situações interlocutivas. Entretanto, no caso específico das entrevistas, faz-se imprescindível atentar para o fato de que, possivelmente, não se trata de uma reprodução fidedigna de todo o teor da entrevista realizada, uma vez que há um redator que reporta as falas a partir de seu próprio crivo. De qualquer forma, trata-se de um material válido para análise, sobretudo pelo fato de que, nessas entrevistas, comumente há algum tipo de informação que compõe o perfil do entrevistado, como a idade, profissão e classe social, por exemplo.

Nos dois excertos reproduzidos a seguir ocorrem empregos de *você* como uma marca interacional reveladora de que os interlocutores reconhecem seu papel social. Contudo, cada um deles revela um nível de reciprocidade e de conotação de poder: no primeiro exemplo, ocorre a interlocução entre um delegado e um preso, portanto, uma situação em que há uma hierarquização dos papéis sociais bem estabelecida, transparecendo a imposição de poder de uma autoridade; no segundo exemplo – uma entrevista de fato –, um repórter dirige-se a um jovem para pedir informações. Nesse caso, o uso de *você* é revelador de uma situação social de desrespeito mútuo, uma vez que o jornalista, por não valorizar o rapaz, refere-se a ele como “moleque” e o trata por *você* – com o agravante de ter havido uma extorsão ao final da entrevista –, e o jovem, de uma classe social menos favorecida, não reconhece no jornalista uma autoridade a ponto de chamá-lo de *moço* na despedida. Seguem os excertos:

E NINGUEM SABIA!... UM TENOR LYRICO ESTAVA NO XADREZ. Narra ‘A Tarde’ de S. Carlos:

‘No dia de Natal, foi preso numa camoéca medonha o *italiano Vilattore Giuseppe*. Hoje o *dr. Ferreira Rosa*, fazendo uma limpeza aos vagabundos, que estavam no xadrez, chamou o *Vilattore*. Era um italiano velho, de 69 annos, mal trajado e barba hirsuta.

– E *você* ‘seu’ moço, para onde quer ir?

– Eu quero correr mundo, respondeu *Vilattore* em um portuguez detestavel.

– Correr mundo?

– Sim, *senhor doutor*. Eu sou tenor lyrico! Aqui onde me vê já cantei 72 operas e fiz os principaes papeis da *Tosca*, *Cavallaria Rusticana*, *Trovador*, *Gioconda*, *Guarany*, *etc...*, *etc...* (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

Ainda o caso da rua Bento Freitas

[...] Estávamos satisfeitos. Agradecemos á senhorita Jandyra a gentileza com que nos tratára, e fomos adiante, ao portão do n.30, onde um muleque dos seus 16 annos, estava ha muito olhando para nós, como se tivesse alguma coisa para nos dizer.

– Moço, – principiámos – *você* não sabe nada a respeito da casa n.º32? Estão lá luzes accesas – mas não reside lá nem viva alma... Por acaso, *você* nunca sentiu de noite, qualquer rumor lá dentro?

– A familia que morava ali – responde, presto, o moleque – fugiu por causa da “hespanhola”. A luz ficou accesa: *você* já viu? Mas de noite ninguem lá faz barulho. Está tudo quieto... há dias veiu ahi o empregado da Companhia para verificar o consumo da luz. Esteve a olhar muito para a lampada do corredor – e foi-se embora depois de me perguntar se não estava lá ninguém.

– E o que foi da preta que ficou de guarda a casa? *Você* não saberá para onde foi ella?

– Uma preta a guardar a casa? Eu não sei de nada.... Sempre vi a casa fechada, mas sem nenhuma pessoa a guardal-a...

Apertamos a mão ao moleque, gratos pelos seus esclarecimentos. E elle, animando-se em face do nosso gesto, desfecha-nos esta “facadita”:

– *Você* agora não me dá 200 réis? Queria comprar uma “coisa” e não tenho dinheiro...

Dêmos a quantia pedida ao esperto rapazalho. Impaudo de seu entusiasmo, rematou:

– Obrigado moço. Obrigado. (*O combate*, ano III, n.1.066, 5 dez. 1918)

Casos em que se detectam relações de poder também podem ser percebidos em determinadas delocuições construídas sem formas de tratamento pronominais ou nominais explícitas.² Isso se justifica pelo fato de que, por existir uma intenção respeitosa ao se dirigir a uma pessoa por meio de um tratamento formal, a ausência do tratamento revela um posicionamento hierarquizado, portanto, não recíproco entre a 1ª e a 2ª pessoa. Exemplos dessa natureza podem ser encontrados tanto em jornais da imprensa negra quanto em *O combate*:

O CASO REISMANN. O ACCUSADO RECORRE AO SUPREMO TRIBUNAL. Em virtude de ter sido denegado pelo juiz federal de São Paulo o ‘habeas-corpus’ impetrado em favor de *Nito Reismann*, que se acha preso na cadeia de Santos. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

EM LIBERDADE. O juiz *dr. Adolpho Mello* mandou expedir alvará de soltura em favor de *Gregório Góes, Fortunato Senise* [...] que terminarão a penna de 2 annos de reclusão em Fevereiro. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

NOVOS SOCIOS. Foram acceitos os *Snrs. Sebastião Amaral, Jose Augusto de Oliveira, Luiz Mació, Francisco Lucente,*

2 Não é o caso do pronome zero, em que se apresenta dificuldade em determinar a forma correta para se tratar uma pessoa. Nesse caso, o falante opta por empregar uma forma não marcada, evitando uma descortesia desnecessária. A esse respeito, ver Menon & Penkal, 2002.

João Alexandre, Marcelino de Souza, Nilo Vieira e a *Sta.* Maria de Lourdes.

ELIMINACAO. De acordo com o artigo 27 § 3.c ultima parte a Directoria eliminou os socios Augusto de Oliveira e Oreste Parisi. (*O Kosmos*, ano I, n.10, mar. 1923)

CHUVEIRO DE PRATA. [...] A nossa satisfação é tanta que chegamos a admirar o seu *bondoso Presidente*, que vae sempre acompanhado de sua *exma. e gentil esposa*, ainda não prohibiu que alli entrassem: *Magdalena Rosa, Eulgeneia da Conceição, Auria do Carmo, Gertrudes da Conceição*, etc, que são pessoas que a moral manda que fiquem em... casa. (*O alfinete*, ano IV, n.75, set. 1921)

Nos dois primeiros exemplos, o redator de *O combate* mencionou, como forma de tratamento, apenas o nome e sobrenome dos acusados *Nito Reismann, Gregório Góes e Fortunato Senise*, sem dirigir a eles qualquer tratamento pronominal, demarcando uma relação preponderantemente assimétrica. Do mesmo modo, os exemplos de *O Kosmos* e de *O alfinete* colocam em contraste pessoas da comunidade negra que receberam tratamentos nominais ou pronominais – como, por exemplo, os senhores que foram aceitos como sócios, no terceiro excerto, e o presidente do grêmio Chuveiro de Prata e sua esposa (quarto excerto), que receberam tratamentos formais – e pessoas para as quais os redatores não fazem indicações pronominais de tratamento, também como indicação de falta de reciprocidade e solidariedade, como ocorre com os sócios eliminados, entre outras razões, por inadimplência, e com as moças, cuja moral é questionada.

Finalmente, é possível detectar, por meio de uma análise discursiva, relações em que o uso de um tratamento formal assume um caráter irônico para delimitar algum tipo de relação entre redator e leitor, sobretudo em delocuições. No exemplo abaixo, o redator da *nota*, identificado como *Zé Virote*, faz um protesto contra o comportamento de uma moça, fato que permite considerar o uso da forma pronominal *senhorita* como sendo irônico:

PARECE INCRIVEL. Que em pleno Seculo XX, que a civilização invada todos os recantos do mundo, possa existir pessoas que, não obstante ser de origem Africana, julgam-se Franceza: como acontece com a *Senhorita A. C.* da Rua dos Gusmões, que apesar de não pertencer a raça Caucasiana, julga-se branca, e escarnece os pretos. Que hipocrisia!

ZÉ VIROTE (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Por outro lado, são impressos nos jornais da imprensa negra alguns textos em que ficam evidentes as relações de solidariedade entre os membros da comunidade negra. É válido ressaltar que existe uma correlação entre as formas de tratamento indicativas de solidariedade e os gêneros textuais que requerem usos linguísticos mais formalizados, seja em alocações ou em delocações. Para se marcar discursivamente a solidariedade, os redatores fazem o emprego de alguns recursos linguísticos, como, por exemplo, a referência à palavra *amigo*, ou o uso de pronomes possessivos. Seguem alguns exemplos ilustrativos:

AMIZADE. Ao *amigo J. Paulino mano A. Fonseca e Victor Fonseca.* (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

Completa mais um anno de sua preciosa existência, no dia 11 do corrente, o *nosso amigo Candido Lopes de Siqueira.* (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

No primeiro exemplo, o redator emprega os substantivos *amigo* e *mano* para identificar a relação de intimidade e reciprocidade que mantém com os três homens mencionados. No último exemplo, a relação solidária entre a pessoa que escreve a *nota* e *Candido Lopes de Siqueira* é enfatizada pelo uso conjunto do pronome possessivo *nosso* com a designação de *amigo*. É comum aos dois exemplos o fato de que, na relação entre os leitores citados e os redatores, não se faz necessária a existência de formas pronominais de tratamento, bastando a indicação do nome próprio, para evidenciar a semântica

de solidariedade e intimidade recíproca. Entretanto, essa não é a única possibilidade de ocorrência de formas solidárias, haja vista que Brown & Gilman (1972) já previam que a solidariedade pode ser evidenciada pela relação em que exista formalidade recíproca, como ocorre nos exemplos a seguir:

CAIXA DO ALFINETE. *Snr. Frederico Baptista de Souza*:
 – Muito bem, gostamos de pessoas como o *amigo* diz as verdades e teve uma ideia muito feliz. Nossos parabens. Será publicado o seu trabalho. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

REFERENCIAS. Temos a satisfação de transcrever uma carta que nos foi dirigida pelo *snr. Adolpho Lima*, presidente do ‘Gremio Barão do rio Branco’, sobre o pic-nic realizado no Bosque Campineiro.

Pelas referencias feitas pelo *digno senhor*, nota-se o quanto foram gentis a comissão e as pessoas amigas para com as que adheriram ao imponente convescote do dia 29 de Outubro. Só temos acrescentar que o Gremio “Kosmos” apenas adheriu e não foi promotor de tão importante festa recreativa.

Eis a transcrição:

São Paulo, 3 de Novembro de 1922

Illmo. Snr. Abílio Rodrigues

(*M. D. Redactor do Kosmos*)

Saudações cordiaes

Sendo um verdadeiro admirador de todo acommettimento que progride sob a influencia herculéa dos homens de côr, não poderia deixar de transmitir, por intermedio do seu conceituado e presadissimo jornal “O Kosmos”, as minhas sinceras felicitações a dignissima comissão do pic-nic, [...]

Não posso também deixar de salientar nestas simples linhas o nome dos nossos prezados amigos srs. Albino de Souza Aranha e Benedicto Florencio: bem assim a sociedade campineira, sem distincção de côr, muito concorreram com as suas presenças para o maior realce da festa.

[...] Sem mais assumpto, subscrevo-me com alta estima e elevada consideração de V. S.

Amgo. Servo e Grato
Adolpho Lima (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

POLITICA DE PENNAPOLIS. Escreve-nos o *nosso ex. companheiro sr. Rubens Amaral*: ‘O COMBATE inseriu ha dias uma correspondencia de Pennapolis cujo autor tomou franco partido pelo *sr. dr. Aphrodisio Sampaio Coelho* contra os *srs. Manuel Bento da Cruz, James Mellor e Adolpho Hecht*. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

Na seção intitulada “Caixa do Alfinete” há um redator, identificado pelo pseudônimo de Cabo da Guarda, que comenta as cartas enviadas à redação, além de oferecer dicas de linguagem e leitura ao público leitor de *O alfinete*. Nesse exemplo houve a fusão do tratamento formal *senhor* com o nome completo de *Frederico Baptista de Souza*, membro destacado da comunidade negra, e com a indicação de *amigo*, resultando em um tratamento formal e solidário, pois, muito provavelmente, se se tratasse de uma alocução, haveria a reciprocidade do tratamento *senhor*.

O segundo exemplo, apesar de ser uma delocução, caracteriza-se por revelar o posicionamento, em relação ao uso da forma de tratamento, dos dois interlocutores. Nesse caso, transparecem as relações semânticas de solidariedade a partir do uso de formas de tratamento cerimoniais que exaltam a reciprocidade do relacionamento entre as sociedades congêneres paulistana (*O Kosmos*) e campineira (presidida pelo senhor Adolpho Lima).

Já o último exemplo, retirado de *O combate*, revela que a demonstração de solidariedade a partir do uso de um pronome possessivo e de uma forma substantiva que exprime algum tipo de intimidade não é um fenômeno particular dos jornais da imprensa negra, mas do veículo jornalístico como um todo.

Faz-se, ainda, necessário observar que pode haver, nos jornais da imprensa negra, mas em menor frequência, textos em que, ape-

sar de o redator empregar tratamentos formais para se dirigir ao leitor, discursivamente não se pode caracterizá-los como pertencentes à semântica do poder, por demonstrarem a naturalidade desse redator – percebida pelo emprego de formas verbais e pronominais em primeira pessoa, chegando até a reproduzir dados de oralidade – ao se dirigir ao leitor, portanto, imprimindo uma relação solidária entre eles. Para ilustrar esse fato, segue um excerto de *O alfinete* de março de 1919:

PELO SALÃO. Reclame da Sociedade 15 de Novembro. É inutil, *meus senhores*, festas como o 15, só o 15, mesmo, não adianta imitações.

Pergunto, festas ou benefícios, cobrando 3\$000 na porta, das *Senhoras Damas e cavalheiros*, não há Imitações. O 15, *Snr. P...* antigamente só dava festas, mas ha 7 mezes para cá só dá benefícios. Não há imitações! Continua. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

“Apêndices de qualificação” e “locuções de endereçamento”

A análise do sistema de formas de tratamento empregado no início do século XX por falantes da cidade de São Paulo, a partir dos jornais em questão, trouxe à tona a possibilidade da proposição de duas subcategorias que contemplem não apenas a forma linguística desses tratamentos, mas também seus usos semântico-discursivos. A primeira dessas subcategorias, a *locução de endereçamento*, faz referência às escolhas do falante em ressaltar determinadas características de seu interlocutor por meio da composição de diferentes pronomes e substantivos. Para ilustrar esse fenômeno, segue um exemplo retirado de uma *nota* de *O Kosmos*:

ANNIVERSARIOS. Completou mais um anno de existencia no dia 1º do corrente mez a *Exma. Snra. D. Olga de Almeida*, esposa do *Snr. Fabrício de Almeida*. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

No exemplo, o redator dessa *nota* fez questão de ressaltar a importância de *Dona Olga de Almeida* para a sociedade, em um indicativo de poder semântico, por meio de uma locução que prevê os tratamentos formais *excelentíssima*, *senhora* e *dona* associados ao seu nome e sobrenome. Entretanto, essa forma de tratamento cerimoniosa não é exclusividade da imprensa destinada à comunidade negra, pois se trata de um tratamento cristalizado comum à imprensa paulistana da época, podendo, portanto, ser também encontrada em *notas* de *O combate*:

CHRONICA DA VIDA SOCIAL ANNIVERSARIOS.

Fazem annos hoje:

a exma. sr. d. Elvira Ciurlo, esposa do sr. Guilherme Ciurlo, leiloeiro nesta praça; [...] a srta. Maria Aparecida, sobrinha do sr. Antonio Martins Teixeira de Carvalho, official da secretaria da Câmara dos Deputados; [...]

o sr. Major Martim Francisco da Cruz, fiscal do 43º de Caçadores. (*O combate*, ano III, n.1.065, 4 dez. 1918)

Casos de locução de endereçamento também podem ser encontrados, com a mesma função de identificar o membro da sociedade, por meio de adjetivo associado ao cargo da pessoa, a um tratamento formal e ao seu nome e sobrenome (adjetivo + cargo + tratamento formal + nome + sobrenome), como ilustrado a seguir:

[...] onde tiveram ao chegar, imponente recepção dos membros das diversas sociedades campineira, alli representados e comissionadas, pelo *distincto jornalista sr. Benedicto Florêncio* e outras pessoas gratas. [...] Ahi foi pelo *nosso amigo sr. Benedicto Florêncio*, proporcionado agradáveis passeios pelas avenidas do bosque. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

Nesse exemplo, para se referir ao anfitrião da sociedade campineira que recepcionou a comitiva de São Paulo, o redator do texto

empregou primeiramente a locução *distinto jornalista sr. Benedicto Florêncio*, a fim de identificá-lo para os demais leitores, ressaltando o cargo por ele desempenhado, e, na sequência, empregou um pronome possessivo aliado ao substantivo *amigo* (*nosso amigo sr. Benedicto Florêncio*) para evidenciar a relação de solidariedade entre eles. Entretanto, ao passo que a parte da locução em que se faz referência ao cargo mais a indicação do nome próprio identifica *Benedicto Florêncio*, o adjetivo *distinto* contribui para exaltar o *status* desse membro da comunidade negra, funcionando como um qualificador da forma de tratamento: função aqui denominada como *apêndice de qualificação*. Nos exemplos abaixo, os redatores também optaram pela associação da locução de endereçamento com o apêndice de qualificação, visando identificar e exaltar simultaneamente alguma característica de uma terceira pessoa:

28 DE SETEMBRO. *O nosso amigo Paulo e bondoso Presidente do '28'*, precisa tomar cuidado como os frequentadores de sua sociedade, que, ao que ouvimos dizer são, na sua maioria, uns cavadores de moças bonitas. (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

Com a presença das comissões 'Elit Flor da Liberdade' e Grêmio 'Barão do Rio Branco', deu-se início a seção solemne às 22 horas, que sendo aberta pelo *digno presidente Snr. Reginaldo M. Gonçalves*, foi convidado para presidir-a o *sócio benemérito Snr. Frederico Baptista de Souza*. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

CRUEL DESTINO. Foi no dia 25 de Agosto de 1918, que ao receber a dolorosa notícia do passamento em Caçapava, do *nosso inolvidável amigo e então presidente do 'Grêmio Kosmos'*, *Joaquim Cambará*, que sentimos ferir de perto a nossa alma [...].

E esse espírito forte outro não fora se não *Joaquim Cambará*. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

Os apêndices de qualificação condizem vastamente com o intuito dos redatores da imprensa negra de promover a inserção dos

membros da comunidade na esfera dominante da sociedade por meio de uma valorização de seu *status* social. Esse objetivo é atingido pelo uso das formas de tratamento associadas à exaltação proporcionada pelos adjetivos a elas associados. São exemplos:

Guardamos até agora viva impressão da morte do *nosso ilustre companheiro de luta e bondoso amigo – o sr. Joaquim Cambará*. (*O alfinete*, ano I, n. 3, set. 1918)

Enferma

Em São Salvador, estado da Bahia, encontra-se gravemente enferma a esposa do *nosso esforçado representante sr. Marciano P. da Paixão*.

Por este facto, desejamos o prompto estabelecimento da consorte do *nosso estimado companheiro de luctas*. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928)

FREDERICO BAPTISTA DE SOUZA. Temos o grato prazer de tornar publico [...] que *Frederico Baptista de Souza* é nosso valioso e perspicaz secretario.

Cavalheiro dos mais conceituados, pae extremoso, intelligencia cultivada, administrador clarividente o nosso querido e presado amigo vem prestando desde há muito, inestimaveis serviços ao nosso jornal e á classe dos homens pretos de São Paulo. (*O alfinete*, ano IV, n.75, set. 1921)

No dia seguinte, para matar as saudades, os rapazes do grupo organizaram um almoço em a casa do *senhor Frederico Baptista de Souza*, onde alegres e satisfeitos pela victoria alcançada, esses 15 componentes do grupo divertiram-se a vontade até as 6 horas da tarde [...]. (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

Afinal, os esforços do *sympathico e prestimoso ensaiador Luiz Camillo* foram coroados de êxito. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Nessa série de exemplos, destaca-se a quantidade acentuada de adjetivos empregados pelos redatores, em atitudes delocutivas, para destacar a importância de *Joaquim Cambará* – membro fundador do Grêmio Kosmos –, *Frederico Baptista de Souza* – secretário do jornal *O alfinete* – e *Marciano P. da Paixão* – militante negro. Esses usos estão intimamente associados aos gêneros do jornal que se caracterizam por uma linguagem mais formal, como o *editorial* e a *nota*. No primeiro exemplo, o apêndice *nosso ilustre companheiro de luta e bondoso amigo* qualifica o tratamento formal *senhor*, e, no segundo, os apêndices *nosso esforçado representante* e *nosso estimado companheiro de luctas* qualificam o tratamento *senhor Marciano*. É preciso frisar, entretanto, que esse fenômeno linguístico está sendo chamado de *apêndice* por não pertencer categoricamente ao sistema de formas de tratamento, mas se relacionar a ele diretamente por contribuir na construção de seu valor semântico.

No terceiro exemplo, o apêndice de qualificação é levado ao extremo pelo redator do jornal ao se referir às inúmeras qualidades que caracterizam *Frederico Baptista de Souza*: *Cavalheiro dos mais conceituados, pae extremoso, intelligencia cultivada, administrador clarividente o nosso querido e presado amigo*. Na composição desse apêndice há indicativos de solidariedade, como o possessivo *nosso* e o substantivo *amigo*, que aproximam primeira pessoa (redator) e terceira pessoa (*Frederico B. de Souza*) nessa delocução. O efeito produzido por essa composição linguística, associado ao título da *nota* – o nome próprio –, dispensa o tratamento formal *senhor*. Todavia, em outros contextos, esse tratamento se faz necessário para manter o efeito de sentido respeitoso dedicado a esse homem, como se observa no penúltimo exemplo.

É válido destacar que os apêndices de qualificação podem ser usados em associação com os pronomes possessivos, como uma marca de interatividade na escrita. Esse marcador revela tanto o sentimento de pertença e de união dos membros da comunidade negra (sobretudo ao se correlacionar esse dado linguístico com o ideal de união defendido por *O clarim d'alvorada*) quanto esse mesmo

sentimento de pertencimento a um grupo profissional e social entre os redatores de *O combate*. Para ilustrar, serão reproduzidos alguns empregos de pronomes possessivos dos jornais em análise:

Do meu canto, tenho observado que *os meus irmãos de cór*, desta capital, quando em conversa falam com entusiasmo sobre o progresso dos *nostros irmãos de cor*, da America do Norte [...].

Isso eu posso afirmar *aos meus irmãos de raça* [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928)

E lá se foi *o nosso amigo* convicto de nos ter satisfeito a curiosidade. (*O Kosmos*, ano I, n.7, dez. 1922)

Vamos, *meus amigos*, um pouco de bôa vontade, porque combater o Analphabetismo é dever de honra de todo do brasileiro. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

“O Progresso”

Temos sobre nossa meza de trabalho, o 1º nummero d'O Progresso, organ de propriedade do *nosso amigo* Argentino C. Wanderley [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928)

Os enfermos

Os nostros confrades do “Diário Popular” têm sua redacção desfalcada de valiosos elementos, que são os seguintes: [...]. (*O combate*, ano III, n.1.042, 1º nov. 1918)

Fazem annos hoje: [...]

O sr. dr. Luiz de Toledo Piza Sobrinho, advogado do *nosso fôro*. (*O combate*, ano III, n.994, 3 set. 1918)

Fazem annos hoje: [...]

A interessante menina Helena, filhinha do sr. Dr. Alarico Silveira, *nosso antigo collega de Imprensa e director da Salubridade Publica*. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

O *editorial* da edição de agosto de 1928 de *O clarim d'alvorada* presta uma homenagem a Luiz Gama. Essa era uma prática constante dos responsáveis por esse jornal, a fim de se reconhecer a importância das datas históricas abolicionistas e dos antepassados que lutaram em prol da liberdade dos negros. Em equiparação com o mérito do abolicionista Luiz Gama, os redatores desse jornal descrevem a importância dessa personalidade para a história dos negros a partir de uma grande quantidade de apêndices de qualificação elogiosos, esparsos ao longo do texto. São exemplos: “Gênio da raça”, “genial Luiz Gama”, “extraordinario Luiz Gama”, “formidável Getulino”, “illuminado apóstolo da raça martyrisada”, “inovidado mestiço”, “vibrante abolicionista”, “Luiz Gama, o notável mestiço”, “o abnegado Luiz Gama”, “grande mestiço”, “benfeitor amadissimo” e “grande Palmarino”.

Ocorre emprego do apêndice de qualificação também para adjetivar o substantivo *menino(a)*, nos contextos em que os redatores pretendem se referir a crianças. Seguem alguns exemplos ilustrativos do emprego do tratamento *menino(a)* qualificado por um apêndice:

NASCIMENTO. No dia 18 do mez passado, o lar da *Snra. Lazara Narcisa* e de seu *caro esposo*, foi enriquecido com o nascimento de uma *robusta e galante menina* que, na pia baptismal, terá o nome de *Lazara*. (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

BAPTISADO. Recebeu, hoje, na Pia Baptismal, o nome de Oswaldo, o *galante menino* filho do sr. *Caetano R. Leitão e Dona J. Pereira Leitão*. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

Além da função de exaltar as características das pessoas da comunidade, o apêndice de qualificação pode, ainda, denotar um julgamento depreciativo feito pelo redator do jornal em relação a uma terceira pessoa. Casos como esse também são encontrados em tratamentos delocutivos de *O combate*. Nessa situação, o adjetivo disfórico se inter-relaciona com a ausência de um tratamento pro-

nominal – explicitando apenas o nome próprio ou alcunha pela qual a pessoa referida é conhecida – para identificar o alvo da crítica:

Maria gordinha chata como carrapato com seu almofadinha do Elite. (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

Condennações

O dr. Adolpho Mello, juiz da 1ª vara criminal, condemnou á pena de 22 ½ dias de prisão cellular, os *vadios Joaquim Silva Fonseca e Miguel Fatebulo*. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

Essa característica de se qualificar a forma de tratamento por meio de um adjetivo e identificar a pessoa a partir de uma locução de endereçamento não é um fato particular dos jornais da imprensa negra, uma vez que dados dessa natureza podem também ser encontrados em *O combate*, como os expostos na sequência:

Noticiaram os jornaes que o *dr. Carlos Chagas, o sabio director do Instituto de Manguinhos*, acaba de offerecer, para o monumento da Oswaldo Cruz, a avultada somma de 50:000\$000 [...]. (*O combate*, ano III, n.796, 1ª jan. 1918)

IL PICCOLO. Commemorou hontem o seu 3º anniversario 'Il Piccolo', o combativo vespertino italiano a que *Paolo Mazzoldi, um dos mais brilhantes jornalistas de S. Paulo*, imprimiu uma feição muito sympathica, conquistando o apreço de um vasto circulo de leitores. (*O combate*, ano III, n.942, 2 jul. 1918)

Faz annos hoje o sr. Dr. João Gonçalves Dante, *estimado cavalleiro da nossa sociedade e um dos mais distinctos advogados do fôro de S. Paulo*. (*O combate*, ano III, n.1.067, 6 dez. 1918)

A partir da análise e comparação dos usos da locução de endereçamento e do apêndice em *O Kosmos*, *O alfinete*, *O clarim d'alvorada* e *O combate*, é possível inferir que as formas de trata-

mento que compõem o sistema não são suficientes para produzir todos os efeitos de sentido pretendidos pelos falantes. Dessa forma, para contemplar os diversos usos discursivos, inclusive delimitar os relacionamentos que envolvem o poder ou a solidariedade, o sistema linguístico disponibiliza os qualificadores, sobretudo, como recurso de complementação de sentido.